

**ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA REDUPLICAÇÃO DE BASE VERBAL
EM PORTUGUÊS**
**CONSTRUCTIONAL APPROACH TO VERBAL BASE REDUCTION IN
PORTUGUESE**

Carlos Alexandre Victorio GONÇALVES
Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas – UFRJ
carlexandre@bol.com.br

Luciana Albuquerque Daltio VIALLI
IFRJ/Campus Duque de Caxias
luciana.vialli@ifrj.edu.br

Resumo: Neste artigo, pretendemos utilizar os dados de Vialli (2013), que reuniu, em sua tese de doutoramento, cerca de cem formas de composição reduplicativa em português, à luz do modelo de morfologia construcional (MC) originalmente proposto por Booij (2005, 2007, 2010). Esse modelo aplica a gramática das construções (GOLDBERG, 1995) ao componente morfológico, analisando as formações lexicais por meio de esquemas e subesquemas que representam o pareamento entre o polo formal e o polo semântico de palavras morfológicamente complexas. Entendendo que a reduplicação verbal (composição ViVi) pode ser satisfatoriamente descrita com os instrumentos da MC, procuramos explicar, formal e semanticamente, construções como “bate-bate” (“bater repetidamente”, “carrinho do parque de diversões”) e “agarra-agarra” (“agarrar repetidas vezes”), mostrando as motivações morfológicas e as extensões de significado desse tipo de formação e distinguindo-o da repetição, fenômeno que ocorre em nível sintático.

Palavras-chave: Morfologia. Formação de palavras. Construção. Reduplicação. Composição.

Abstract: In this article, we intend to explain the Vialli (2013)’s data – which met, in her doctoral thesis, about a hundred forms of reduplicative compounding in Brazilian Portuguese – based on constructional morphology model (MC), originally proposed by Booij (2005 2007, 2010). This model applies construction grammar (GOLDBERG, 1995) to morphology component, analyzing the lexical formations through schemes and subschemas representing the pairing between the formal pole and the semantic pole of morphologically complex words. Understanding that the verbal reduplication (composition V_iV_i) can be satisfactorily described with the instruments of MC, we try to explain, formal and semantically, formations such as “bate-bate” (“hit repeatedly”, “playground toy”) and “agarra-agarra” (“grab repeatedly”), showing the morphological motivations and meaning extensions of this type of word-formation process and distinguishing it from the repetition phenomenon that occurs in the syntactic level.

Key words: Morphology. Word-formation. Construction. Reduplication. Compounding.

1. Palavras iniciais

A reduplicação de base verbal é um processo que se baseia na cópia de uma base verbal, formando um composto VV (Verbo-Verbo). Esse processo resulta em um nome

em português e pode abranger dois significados: um relacionado a evento e outro à coisa, o que pode ser observado em um mesmo vocábulo, como “puxa-puxa”, que pode designar tanto o ato de puxar, como o doce:

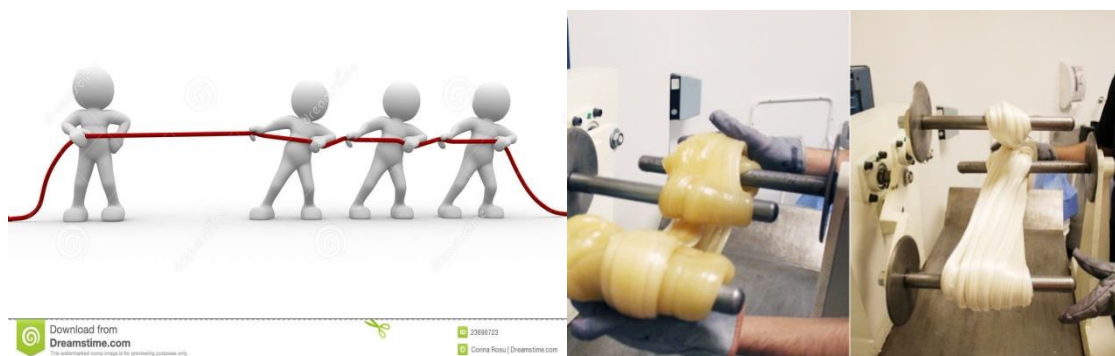


Imagem 1: *Puxa-puxa: de puxar muito ao doce*

Neste artigo, pretendemos utilizar os dados de Vialli (2013), que reuniu, em sua tese de doutoramento, cerca de cem formas de composição reduplicativa em português, à luz do modelo de morfologia construcional (MC) originalmente proposto por Booij (2005, 2007, 2010). Esse modelo aplica a gramática das construções (GOLDBERG, 1995) ao componente morfológico, analisando as formações lexicais por meio de esquemas e subesquemas que representam o pareamento entre o polo formal e o polo semântico de palavras morfológicamente complexas. Entendendo que a reduplicação verbal (composição ViVi – Verbo-Verbo idênticos) pode ser satisfatoriamente descrita com os instrumentos da MC, procuramos explicar, formal e semanticamente, construções como “bate-bate” (“bater repetidamente”, “carrinho do parque de diversões”) e “agarra-agarra” (“agarrar repetidas vezes”), mostrando as motivações morfológicas e as extensões de significado desse tipo de formação.

Dividimos o artigo em quatro partes: em primeiro lugar, descrevemos o fenômeno em italiano, a partir do trabalho de Thornton (2008), buscando, ali, alguma inspiração para a análise de nossos dados. Logo após, apresentamos algumas referências sobre o fenômeno na literatura e distinguimos reduplicação de repetição. A seguir, descrevemos, ainda que brevemente, o modelo da MC e, por fim, aplicação da ideia de construção morfológica aos nossos dados de reduplicação ViVi.

2. A composição VV em italiano: algumas notas

O fenômeno foi amplamente analisado por Thornton (2008). Os compostos VV idênticos em italiano (doravante referenciados como V_iV_i , para sinalizar a identidade das bases), como em português, são nomes de ação. Thornton (2008) fornece o seguinte quadro contendo o *corpus* do italiano:

Type	Gloss	Spelling			Tokens in <i>Repubblica</i>	First attested
		Blank	Continuous	Hyphen		
<i>arraffa arraffa</i>	snatch snatch	7	0	12	19	1951
<i>battibatti</i>	beat beat	0	0	0	0	1955
<i>bolli bolli</i>	boil boil	0	0	0	0	b. 1565
<i>ciappa ciappa</i>	take take	1	0	0	1	<i>Repubblica</i>
<i>compra compra</i>	buy buy	1	0	1	2	<i>Repubblica</i>
<i>copia copia</i>	copy copy	2	0	1	3	1994
<i>corri corri</i>	run run	6	0	0	6	b. 1587
<i>firma-firma</i>	sign sign	0	0	1	1	<i>Repubblica</i>
<i>fuggifuggi</i>	run_away run_away	200	6	75	281	1880
<i>mangia mangia</i>	eat eat	3	0	5	8	1935
<i>parla-parla</i>	talk talk	0	0	1	1	<i>Repubblica</i>
<i>piangi piangi</i>	cry cry	1	0	0	1	<i>Repubblica</i>
<i>pigia pigia</i>	push push	32	0	33	65	1865
<i>piglia piglia</i>	take take	2	0	0	2	1881
<i>ruba ruba</i>	steal steal	0	0	0	0	b. 1945
<i>scappa scappa</i>	run_away run_away	0	0	0	0	b. 1945
<i>serra serra</i>	serry serry	1	0	0	1	b. 1828
<i>sgozza-sgozza</i>	slit_the_throat slit_the_throat	0	0	1	1	<i>Repubblica</i>
<i>spara spara</i>	shoot shoot	1	0	0	1	<i>Repubblica</i>
<i>spendi-spendi</i>	spend spend	0	0	1	1	<i>Repubblica</i>
<i>spingi spingi</i>	push push	1	0	4	5	<i>Repubblica</i>
<i>tira tira</i>	pull pull	0	0	3	3	1827
<i>vendi vendi</i>	sell sell	1	0	1	2	<i>Repubblica</i>

Quadro 1: Relação de formas compostas VV do italiano (THORNTON, 2008)

Os compostos V_iV_i em italiano, como “*compra-compra*” (“ato de comprar repetidamente”) e “*parla-parla*” (“ato de falar muito e dizer pouco”), são nomes de ação bem mais padronizados que os encontrados em espanhol e francês, o que leva Thornton (2008) a afirmar que é o italiano a língua em que a reduplicação de base verbal é mais produtiva, uma vez que constitui modelo para criação de novas palavras, mesmo nos casos de lexicalização (interpretações mais particulares).

Em relação ao português, Couto (1999) mostra que a reduplicação de base verbal pode ser chamada de reduplicação VV. Entretanto, o autor ressalta que, nem todo

composto VV, é uma reduplicação, como se observa nos casos abaixo, em que as formas verbais são diferentes:

- | | | | |
|------|---------------|---------------|--------------|
| (01) | deita-levanta | entra-e-sai | liga-desliga |
| | põe-tira | senta-levanta | leva-e-traz |

Nesses casos, a fórmula do composto é Vi-Vj (Verbo-Verbo com índices diferentes; portanto, i e j) e o significado é transparente, tomado pela soma das partes. Apesar de envolver duas bases verbais diferentes flexionadas (todas estão na terceira pessoa do presente do indicativo), o resultado do processo é sempre um substantivo, a exemplo de “bate-entope”, que nomeia uma comida (geralmente um salgado) que, quando ingerida, logo deixa a pessoa saciada, por ser grosseira. Para Couto (*op. cit.*), compostos reduplicativos manifestam significados diversos e imprevisíveis, mesmo que haja manutenção de algum conteúdo da base. A partir disso, classifica as diversas formas de reduplicação V_iV_j da seguinte maneira:

1) Formas citadas pelas gramáticas, algumas das quais em desuso:

- (02) bule-bule, “grande agitação”
corre-corre, “correria”
luze-luze, “pirilampo”
pega-pega, “1. carrapicho; 2. briga; 3. prisão em massa; 4. brinquedo infantil”
ruge-ruge, “1. ruído produzido por saias; 2. rugido ; 3. confusão, barulho”

Formas usadas como nomes próprios:

- (03) Quero-quero, “nome de restaurante em Brasília”
Treme-treme, “nome de edifício-cortiço de São Paulo”
Troca-troca, “nome de feira popular de Olhos d’Água, Goiás”
Vai-vai, “nome da escola de samba mais famosa de São Paulo”

Formas não encontradas nas gramáticas tradicionais, mas dicionarizadas:

- (04) bate-bate, “1. movimento de dois objetos que se chocam; 2. espécie de batida”
lambe-lambe, “1. fotógrafo ambulante; 2. primeira fila dos teatros de revistas”
lufa-lufa, “grande afã, azáfama”
mexe-mexe, “tipo de jogo”
pisca-pisca, “1. cacoete; 2. piscar seguidamente, 3. farol intermitente, 4. farolete”
pula-pula, “1. tipo de ave”, 2. Brinquedo”
puxa-puxa, “1. bala elástica e grudenta; 2. espécie de alféloa, puxa”
quebra-quebra, “1. arruaça com depredações; 2. cobra-de-vidro”

roque-roque, “1. Ato de roer; 2. tipo de peixe”

Formas que não constam nas gramáticas tradicionais nem estão dicionarizadas

- (05) beija-beija, “ação de várias pessoas beijando umas às outras”
empurra-empurra, “tumulto, em que cada um quer se safar primeiro”
gira-gira, “brinquedo giratório de parquinho infantil”
mata-mata, “jogo decisivo”

O autor aponta que a reduplicação VV consiste na nominalização de ações, por meio do redobro verbal, e possui alta produtividade, podendo ser observada em muitas línguas do mundo, talvez devido a uma relação com as necessidades comunicacionais fundamentais do ser humano, revelando tendências generalizadas nas línguas.

3. A composição reduplicativa no português brasileiro

Os quase cem dados recolhidos por Vialli (2013) – e diferentes dos já citados por Couto (1999, 2000), Araújo (2000), Albuquerque & Gonçalves (2004) e Vialli (2008) – evidenciam que, pelo menos na variedade brasileira (PB), a reduplicação de bases verbais é tão ou mais usual que em italiano, o que nos leva a repensar a afirmação feita por Thornton (2008).

No PB, há um padrão associado a esse tipo de reduplicação, o que contraria a ideia de imprevisibilidade, assumida por Couto (1999). No polo formal, o tema de um verbo de ação dissilábico (“pega-pega”, “pula-pula”, “corre-corre”) ou trissilábico sem *onset* (“agarra-agarra”, “espreme-espreme”, “empurra-empurra”) é repetido e o redobro cria um substantivo. No polo semântico, dois significados geralmente emergem. O mais básico (e comum a todas as formações) é o de evento, como em “pisca-pisca”, significando simplesmente “pisca repetidas vezes”. Nessa palavra, ocorre interpretação metafórica da ação expressa pelo verbo, isto é, como o evento se desdobra no tempo, manifesta o aspecto iterativo. Nas demais acepções, ocorre nova extensão semântica e o significado se torna mais fixo, como coisa (“pisca-pisca” como “luzes de Natal” ou “alerta do automóvel”). Nesses casos, o nome é acessado estaticamente e a interpretação que leva ao nome-coisa é feita por meio da metonímia, uma vez que o objeto tem a propriedade de piscar reiteradas vezes. No quadro abaixo, distribuímos alguns dos dados de Vialli (2013) com base no tipo de significado que manifestam, fornecendo um exemplo para cada uso.

Forma	Sentido	Exemplo
Acende-acende	Evento	O fósforo não acendia de jeito nenhum. O vento sempre apagava e a gente ficou naquele acende-acende rindo pra caramba!
Agarra-agarra	Evento	Eu já não aguento mais ficar nesse agarra-agarra no portão.
Alisa-alisa	Evento	E não diga que gosta de cafuné não... que você não vai ter sossego!! Vai ser um alisa-alisa danado!!
Arranha-arranha	Evento	Disseram que foi um empurra-empurra, um arranha-arranha que só Deus e ainda naquele calor, aff...
Ataca-ataca	Evento	E de repente, foi aquele ataca-ataca na mesa de doces. Um horror!
Bate-bate	Evento	“Arriscavam um tímido mexer da cabeça, acompanhando o bate-bate do compasso”.
	Coisa	“Carrinho de bate-bate do parque de diversões solta e acidenta menino de 7 anos”.
Beija-beija	Evento	Agora vai terminar a dança do beija-beija
Bole-bole	Evento	Dança do bole-bole (música)
Cai-cai	Evento	A unção do cai-cai iniciou-se com o americano Randy Clark, que foi ordenado pastor em 1950.
	Coisa	Fama de "cai-cai" vira brincadeira com Neymar no Twitter; veja frases mais engraçadas.
Canta-canta	Evento	“Eles ficam nesse canta-canta e não fazem nada.”
Cheira-cheira	Evento	Depois as posições se invertem e começa um cheira-cheira danado.
Cisca-cisca	Evento	Lembro que lá em casa era agitado sempre... um cisca-cisca danado quase o dia todo...
	Coisa	Como dizem os meus amigos gaúchos, vocês contrataram um eterno reserva, um cisca-cisca.
Coça-coça	Evento	Coça-coça. Seu cão ou gatinho se coça demais em partes do corpo como patas, orelhas e olhos?
Come-come	Evento	E acabou a novela sem ninguém tê-la "comido", justo numa novela que, desde o início, foi um "come-come" adoidado.
	Coisa	Todos conhecem o famoso Pacman, vulgo come-come. É só comer as bolinhas e escapar dos inimigos.
Empurra-empurra	Evento	Confusão e empurra-empurra no final dos treinos abertos do UFC em São Paulo.
Engana-engana	Evento	A educação nunca foi prioridade em nenhum governo sempre é um engana-engana: governo fazendo de conta que paga um bom salário ao professor e o professor faz de conta que ensina.
	Coisa	Chamo de engana-engana aquele tipo onde uma pessoa finge ser competente para a organização (e o pior, o chefe acredita).
Esconde-esconde	Evento	De toda a prova apenas um não escondeu o jogo. Foi o canadense Pascal Wollach que ficou com o 2º tempo da prova com 55:69 e fez sua melhor marca pessoal. O resto foi um esconde-esconde geral.
	Coisa	Veja como inovar no jogo do Esconde-Esconde, que pode ser jogado por crianças a partir dos 2 anos de idade.

Lambe-lambe	Evento	A superlotação felina em casa prejudicou o dengo do Nico. Esta semana tá um lambe-lambe do cacete!
	Coisa	O lambe-lambe basicamente é um pôster de papel colado com cola, em muros e postes.
Mata-mata	Evento	“Mata-mata entre gangues”.
	Coisa	“O mata-mata decisivo, com jogos de ida e volta, começa com 32 equipes” .
Mexex-mexex	Evento	“É um mexex-mexex, é um desaponta”. (música)
	Coisa	O jogo proposto pelo fabricante é o nosso "Mexex-mexex" (regras abaixo).
Mija-mija	Evento	“Eu já estava na fase mija-mija e tinha que ir ao banheiro a toda hora”.
	Coisa	“Por que será que os mija-mija (lava-vidros dos carros) ficam sem água quando fazem mais falta” ?
Pega-pegax	Evento	Mas às vezes, sinto eu, porém, o que se vê é um pega-pegax danado!
	Coisa	O pega-pegax ou apanhada é uma brincadeira infantil muito conhecida.
Pingax-pingax	Evento	Ninguém resolve o problema do pingax-pingax do ar-condicionado.
Ralax-ralax	Evento	No samba ela gosta do ralax-ralax. Me trocou pela garrafa. Não aguentou e foi ralar.
Tocax-tocax	Evento	Forró do tocax-tocax E a galera nesse tal de tocax-tocax quero ver você dançando nesse refrão.
	Coisa	Peça sua música aqui no Tocax-Tocax e dedique a quem você quiser.
Troca-troca	Evento	Troca-troca virtual: livre-se do que não presta e adquira novos objetos.
	Coisa	Evitar o troca-troca não é garantia de que o menino será heterossexual quando for adulto.

Quadro 2: *Exemplos contextualizados de reduplicação de base verbal.*

Como se vê, a maioria só veicula a noção de evento, tendo, portanto, leitura mais verbal. Mesmo aqueles cuja referência primeira parece apontar para a noção de coisa, como “bate-bate” e “pega-pegax”, também podem ser usados com valor de evento, o que justifica argumentar que, no PB, a composição V_iV_i , assim como no italiano (THORNTON, 2008), constitui padrão regular e produtivo de formação de palavras. As interpretações mais idiossincráticas – se é que podemos nos referir a elas dessa maneira – decorrem de um processo de lexicalização fortemente motivado pela metonímia. Assumimos, seguindo Brinton & Traugott (2005), que a lexicalização é o processo através do qual duas ou mais unidades linguísticas se transformam em uma unidade autônoma. Nesse caso, então, o termo se refere à perda da composicionalidade morfológica e semântica, tendo em vista que a unidade deixa de ser interpretada por acesso às partes e passa a ser tomada holisticamente.

4. Repetição e reduplicação

Uma importante observação para o tratamento semântico da reduplicação de base verbal diz respeito ao fenômeno repetição. A estratégia da repetição (de palavras, de afixos) é frequentemente utilizada, sobretudo na variedade brasileira, com o objetivo de expressar intensificação; logo, existe um esquema de repetição em português que pode ser instanciado de diferentes maneiras, a depender do processo em questão. Em (06), são listados alguns exemplos, extraídos do discurso oral, desse tipo de repetição em afixos; em (07), exemplificamos repetição de palavras:

- (06) E foi um tremendo **golaçoço**!!
O seu visual está chiquer**ézimoézimo**!!
Marcela é mesmo **supersuperlegal**!!
- (07) Ele acorda **cedo, cedo**, mas dorme tão tarde!!
O professor **fala, fala fala**, mas ninguém entende nada
O telefone **chama chama chama** e ninguém atende.

De acordo com Marcuschi (2002:107), a repetição consiste na “*produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo*” e pode exercer diversas funções na língua oral ou escrita; pode funcionar de modo a contribuir para a organização discursiva e auxiliar a coerência e coesão textuais, assim como nas atividades interativas. O referido autor observa que a presença desse tipo de recurso é muito mais frequente no âmbito da fala, já que, muitas vezes, a atividade discursiva da repetição faz parte da própria formulação do texto falado.

De acordo com Koch & Souza e Silva (1996), apesar de a repetição interferir consideravelmente na densidade informacional do enunciado, isso não representa prejuízo, pois a reiteração pode agir em favor da compreensão do interlocutor. Além disso, a repetição pode funcionar como estratégia de intensificação, pois “*obedece a uma espécie de princípio de iconicidade, em que uma cadeia de linguagem idêntica, posta em posição idêntica, é concernente a um maior volume informacional*” (FIORIN, 2008: 549). A sentença em (08), extraída de Fiorin (*op. cit.*) exemplifica essa afirmação:

- (08) [...] atualmente se tu não ficas em cima do aluno ele não faz absolutamente *nada, nada, nada* mesmo.

Com relação à reduplicação de base verbal, a ideia de intensificação também é latente e igualmente se realiza por meio da estratégia de repetição (esbarra-esbarra,

mexe-mexe, tosse-tosse, pisca-pisca). Ora, a repetição revela-se, portanto, um importante veículo linguístico no discurso e isso respalda a existência de uma construção de repetição em língua portuguesa (de acordo com a ideia de que a língua é um conjunto de construções gramaticais e itens potencialmente significativos – GOLDBERG, 1995). Esse esquema geral de repetição será fundido ao esquema de composição do português, instanciando a construção de reduplicação de base verbal. O modelo do esquema geral de reiteração é representado, em (09) a seguir, por meio da repetição da variável X (que representa qualquer unidade desde um morfema a uma sentença).

(09) $[[X]_x[X]_x]_x \leftrightarrow [\text{reiteração da SEM } x]$

A fusão construcional ocorre na rede proposta no presente artigo, já que a reduplicação de base verbal é o resultado da unificação dos esquemas de composição ($[[X]_x[Y]_Y]_N$) e reiteração $[[X]_x[X]_x]_x$. No entanto, no caso da rede construcional de reduplicação, a fusão se realiza entre duas representações abstratas, resultando em uma terceira, como demonstraremos mais adiante.

5. A Morfologia Construcional de Booij (2005, 2007, 2010)

A Morfologia Construcional surge no cenário dos estudos linguísticos como alternativa eficaz para análise de processos morfológicos instáveis, que não podem ser encaixados perfeitamente nos padrões canônicos da composição e da derivação¹. Booij (2010: 03) faz a seguinte apresentação da teoria:

Na Gramática de Construções, a gramática das línguas naturais é vista como um inventário estruturado de construções, isto é, padrões de forma-significado, em vários níveis de abstração. Na Morfologia Construcional, nos focamos nas construções no nível da palavra, mas não só elas, como também construções frasais com propriedades de palavras.

Palavras complexas são idiomas construcionais no nível da palavra, apresentando uma parte fixa e uma parte variável – no caso das construções *X-nejo(a)* (“pagonejo”, “mistura de pagode com música sertaneja”; “quintaneja”, quinta-feira com música sertaneja” e “gataneja”, “mulher bonita que vai às festas sertanejas”), a parte fixa é o formativo *-nejo(a)* e a variável são os nomes que se adjungem à esquerda.

¹ A Morfologia Construcional não trata somente desses casos; seu aporte inclui estudos sobre compostos e construções sintáticas e a distinção entre flexão e derivação, além da análise morfológica e semântica de formativos, como é o nosso caso.

Esquemas construcionais, nos termos de Gonçalves & Almeida (2014: 165), “*são padrões gerais de pareamento forma-conteúdo que captam características comuns entre várias instanciações específicas e podem ser usados produtivamente*”.

Um esquema construcional pode gerar subesquemas, que também podem se desdobrar em outros subesquemas, uma vez que são estruturas simbólicas que formalizam conceitos armazenados na memória, a partir da abstração de experiências do mundo em que generalizações são realizadas. Por causa dessa propriedade, Booij (2005) acrescenta a especificação semântica genérica aos esquemas.

Gonçalves & Almeida (2014: 178) discorrem sobre o aporte da Gramática das Construções, buscando uma conceituação para o termo *construção* que seja mais aproximada do nível da palavra. Assim, definem as construções como “interseções de níveis diferentes da língua organizadas hierarquicamente por meio de ligações por herança em uma espécie de rede ou teia”. As relações de herança, postuladas inicialmente por Goldberg (1995), podem ser especificadas abaixo:

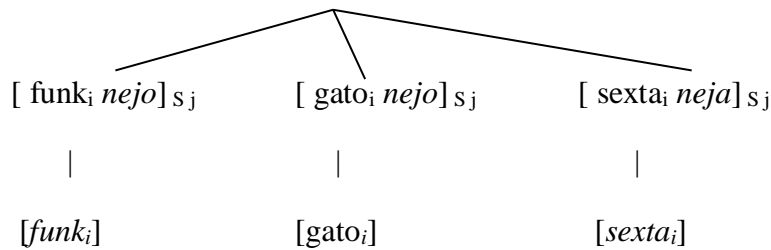
- a) Herança por polissemia – refere-se à extensão de significado de uma construção para outra. É o caso do sufixo *-dor*, que forma agentes profissional (“zelador”) e não-profissional (“fraudador”), instrumento (“gravador”) e objeto (“pregador”).
- b) Herança por metáfora – refere-se a duas construções relacionadas por projeção interdominial. É o caso de “camisinha”, “peça que protege partes do corpo em diferentes domínios” (GONÇALVES & ALMEIDA, 2014: 176).
- c) Herança por subparte – ocorre quando uma construção é parte constituinte de outra, como em “homo”, ressemantizada a partir de “homossexual”, passando essa informação em “homofobia” e “homoafetivo”, diferente do significado no nó mais alto – *igual, o mesmo*.
- d) Herança por instanciação – ocorre quando uma construção apresenta grau de detalhamento maior, como em “batedeira” e “iogurteira”, que possuem esquemas construcionais específicos em relação ao esquema básico – no primeiro, a base é verbal; no segundo, a base é substantiva.

A partir da noção de esquema construcional e relação de herança, Gonçalves & Almeida (2014: 187) propõem o seguinte esquema para o formativo *-nejo(a)*. Nesse esquema, base e produto são indexados pelo símbolo subscripto *s*, que representa a classe dos substantivos. Os subscritos *i* e *j* indicam que tanto a base, representada pela variável *x*, quanto o produto fazem parte do léxico. Na formalização a seguir, SEM, que em Booij (2010) é inespecificado, é aqui interpretado como o *frame* evocado pela palavra-fonte, pois somente desse modo podemos entender que, a partir do mesmo esquema,

formam-se três instâncias com semânticas distintas, mas relacionadas. Os símbolos— maior que e menor que (respectivamente, <, >) — demarcam o esquema e a seta de mão dupla (\leftrightarrow) relaciona forma e significado no interior do esquema:

(10) [[X]_y Y]_y

< [[X]_{s_i} *nejo*]_{s_j} ↔ [SEM_i relacionada à música sertaneja]_{s_j} >



As construções são apresentadas como instância do esquema básico de sufixação – [[X]_y Y]_y, em que *y* é uma etiqueta lexical, *X*, uma forma livre e *Y*, uma forma presa à direita. A leitura feita para tal esquema é a de que SEM é interpretado como o *frame* evocado pela palavra-fonte. Inicialmente, o esquema feito pode aparentar que se trata de uma relação de herança por polissemia, pois é o mesmo tipo de esquema utilizado para o sufixo *-dor* (GONÇALVES, 2016: . Adaptando a representação original de Booij (2005) à morfologia do português, Gonçalves & Almeida (2012) mostram que as três principais operações concatenativas envolvidas na formação de palavras – composição, sufixação e prefixação – podem ser genericamente representadas pelos seguintes esquemas:

(11) (a) composição: [[X]_x [Y]_y]_s

(b) sufixação: [[X]_x Y]_y

(c) prefixação: [X [Y]_y]_y

Nos esquemas em (11), as variáveis *X* e *Y* representam sequências fonológicas e os subscritos *x* e *y*, categorias lexicais. O esquema geral dos compostos, em (11a), expressa a generalização de que a composição, independentemente da etiquetagem lexical de seus constituintes, sempre forma substantivos em português (daí o rótulo *s*, após o último colchete). O esquema da prefixação, em (11c), expressa que essa operação é neutra categorialmente, sendo a classe gramatical das palavras prefixadas idêntica à de sua base, que constitui a cabeça. No caso da sufixação, no entanto, o

elemento preso porta informação sintática e constitui cabeça categorial (SCALISE *et al.*, 2009), por determinar a classe gramatical do produto. Mais detalhes sobre o modelo serão apresentados a seguir, quando da análise dos dados.

6. Sobre metáfora e metonímia

Booij (2010) afirma haver extensão significativa de uma palavra por meio de mecanismos conceptuais como a metáfora e a metonímia. Essa afirmação vem ao encontro do que se observa no fenômeno da reduplicação de base verbal em português, no qual ocorre uma extensão significativa apoiada nos mecanismos da metáfora e da metonímia.

No caso da reduplicação VV aqui em exame, o valor semântico agregado é a expressão do aspecto iterativo, até mesmo por se tratar de um vocábulo que se origina de um verbo. Nesse sentido, é fácil perceber que o brinquedo se chama “bate-bate” pelo fato de o mesmo “bater” repetidas vezes. As formas reduplicadas de significação mais abstrata apresentam somente o conteúdo básico de iteratividade; entretanto aquelas menos abstratas recorrem ao uso metonímico do referido processo iterativo.

Segundo Reyes (2000), a metonímia é percebida quando uma parte passa a representar o todo e pode levar a uma releitura ou nova perspectiva de uma situação. É dessa mesma forma que o uso metonímico nesse processo eleva um vocábulo de significado básico iterativo (metafórico) para um conteúdo mais específico, nomeando uma entidade concreta. A metonímia também age aqui como um fator de releitura, de transformação do léxico, gerando uma nova significação e finalizando o processo de lexicalização. É preciso, ainda, destacar que há outra habilidade cognitiva que influi nesse processo: a metáfora.

Reyes observa que metonímia e metáfora estão sempre muito próximas, chegando mesmo alguns autores a relacioná-las definitivamente (KÖVECSES 1998, 1999); não é tão surpreendente, portanto, que ambas estejam envolvidas no processo de composição V_iV_i . Tanto a metáfora quanto a metonímia caracterizam-se por promover projeção – no primeiro caso, entre domínios diferentes; no segundo dentro do mesmo domínio. Se a metonímia se caracteriza por relevar uma propriedade para designar a entidade referida, a metáfora, por sua vez, oferece um novo olhar sobre o *designatum*, ao deslocá-lo do seu domínio de origem, exatamente o que ocorre no significado de evento, o mais básico.

Vimos nos reportando ao fenômeno como composição reduplicativa e, nesse sentido, pode-se admitir que a reduplicação de base verbal em português é um processo de formação inserido no esquema de composição. Afinal, trata-se de um fenômeno por meio do qual se formam nomes morfologicamente complexos a partir da cópia de uma base verbal, o que vem ao encontro dos apontamentos feitos em gramáticas tradicionais sobre o fenômeno, sempre classificado como composição. Essa interpretação também está em sintonia com as análises desse tipo de nominalização feitas em idiomas como o italiano (THORNTON, 2008).

7. Em busca de esquemas

Dessa forma, o esquema geral de composição proposto por Booij (2005, 2010) é o que mais se ajusta ao caso em questão, muito embora seja importante salientar que a reduplicação pode ser inserida também nos esquemas de prefixação e sufixação, no que diz respeito aos outros tipos: reduplicação em hipocorísticos (“Fafá”, “Dedé”), na expressão de relações de parentesco (“mamãe”, “títio”), no baby-talk (“papato”, “dedera”) e na intensificação sufixal (“bololô”, “chororô”). Logo, o esquema geral de composição deve ser inicialmente selecionado para o tratamento do processo:

$$(12) \quad [[X]_x[Y]_y]_Y \leftrightarrow [Y \text{ com alguma relação com } X]$$

Entretanto, com relação especificamente à composição em português, a categoria gramatical resultante do processo será sempre um nome, independente da categoria da base. Gonçalves & Almeida (2012: 110) propõem o esquema geral de composição em língua portuguesa, atentando à função do processo como formador de nomes: “*o esquema dos compostos expressa a generalização de que a composição, independentemente da posição da cabeça lexical, sempre forma nomes em português (daí o subscripto N)*”. Logo, o esquema geral para composição em português é apresentado da seguinte forma:

$$(13) \quad [[X]_x [Y]_y]_N \leftrightarrow [Y \text{ com alguma relação com } X]$$

Booij (2010) aborda a reduplicação e elabora propostas para o tratamento do fenômeno no âmbito da morfologia construcional. Com base no italiano, o autor observa que compostos exocêntricos podem envolver casos de reduplicação, revelando-

se um fenômeno perfeito para uma análise construcional da morfologia. De acordo com Booij (2010), a reduplicação é um tipo de operação morfofonológica que implica o redobro de peças de informação morfossemântica, podendo ocorrer de forma parcial ou total. Ele toma o exemplo do afrikaans, língua filha do holandês, que possui a reduplicação total como processo produtivo. Nessa língua, todas as categorias lexicais podem ser reduplicadas e a palavra resultante terá o significado de “aumento”. Nesse caso, se ocorre a reduplicação de um nome plural, o significado do processo será “número considerável”, como apresentado em (14):

- (14) a. Die kinder drink bottels-bottels limonade
 A criança bebe garrafas-garrafas limonada
 “A criança bebe garrafas e garrafas de limonada”
- b. Bakke-bakke veld-blomme versier die tafels
 Jarro-Jarro flores-silvestres decoram as mesas
 “As mesas estão decoradas com vários jarros de flores silvestres”

A partir desses dados, Booij (2010) propõe o seguinte esquema para a reduplicação de nomes plurais em afrikaans:

- (15) $[[X]_{Npl,i} [X]_{Npl,i}]_{Nj} \leftrightarrow [\text{número considerável de objetos } i]_{Nj}$

Nesse esquema, os constituintes são co-indexados, pois possuem identidade total: são fonologicamente idênticos. De modo semelhante, o tratamento da reduplicação em afrikaans proposto por Booij pode ser aplicado ao português. Logo, a variável X preencherá o esquema para representar a cópia da base em detrimento do Y no esquema geral de composição. Os índices x e y do esquema geral também serão preenchidos com a categoria da palavra-base do processo, uma forma verbal. Assim, propõe-se a construção de reduplicação de base verbal em português com base no seguinte esquema:

- (16) $[[X]_{vi} [X]_{vi}]_{sj} \leftrightarrow [\text{reiteração da SEM } v_i]_{sj}^2$

² A construção de reduplicação de base verbal também é uma meta-construção (BOOIJ, 2010), no sentido de que também tem caráter generalizante.

Essa construção é o resultado da mescla entre os esquemas gerais de composição no português, $[[X]_x [Y]_y]_N$, e de repetição. $[[X]_{x_i} [X]_{x_i}]_{x_i}$, dos quais herda propriedades. No entanto, essa construção se instancia com propriedades particulares, não apenas como a soma das características herdadas dos *inputs*. Isso pode ser comprovado pela propriedade de intransitividade, conferida aos constructos, como veremos mais adiante. Antes, detalhemos o polo formal da construção.

Assim como a reduplicação com nomes de ação no italiano (THORNTON, 2008), a reduplicação de base verbal em português é um processo por meio do qual se originam nomes a partir de verbos de ação. É preciso definir, no entanto, que forma é selecionada e favorece o processo de nominalização. Masini & Thornton (2008) procuram checar a natureza da forma utilizada na reduplicação em italiano. As autoras observam que o *input* do processo é constituído de bases dissilábicas, em sua maioria. De acordo com Thornton (2008), esse tipo de reduplicação obedece a uma restrição prosódica de dissilabidade, ou seja, as bases devem sempre possuir duas sílabas. A autora aponta que todos os dados presentes no *corpus* obedecem a essa condição, exceto a base *arraffa*, que possui uma estrutura trissilábica.

No caso do português, é possível perceber também que, fonologicamente, existe uma maior ocorrência de estruturas dissilábicas, como é o caso de formações em (17). Entretanto, igualmente com menor frequência, também se observam casos de trissílabos e, assim como nos compostos V_iV_i do italiano, esses são começados por vogal, a exemplo dos que constam da relação em (18):

- | | | | | |
|------|--|--|--|--|
| (17) | corre-corre
pula-pula
treme-treme
mija-mija | pega-pega
quebra-quebra
mata-mata
come-come | lambe-lambe
trepá-trepá
pisca-pisca
troca-troca | mexe-mexe
bole-bole
mela-mela
beija-beija |
| (18) | agarra-agarra
ataca-ataca
amassa-amassa | empurra-empurra
engasga-engasga
entope-entope | esfrega-esfrega
engana-engana
espreme-espreme | acende-acende
esfria-esfria
estica-estica |

Casos mais isolados são monossílabos, como “cai-cai”. Pode-se afirmar que as bases envolvidas na reduplicação verbal encerram as características da palavra

prosódica mínima, com pés³ troqueus dissilábicos e terminados por vogal. Monossílabos pesados, como “cai-cai”, também constituem pés troqueus (moraicos), uma vez a assilábica em coda conta mora tanto quanto a vogal-núcleo. Isso demonstra a condição de extrametricalidade da sílaba inicial de trissílabos. Segundo Plénat (1994: 239), “*uma vogal inicial não pode entrar no cômputo das sílabas de uma forma e não pode contar como a extremidade esquerda dessa mesma forma*”. Tal condição justifica o estranhamento de formações como as listadas em (19):

- (19) decora-decora martela-martela tropeça-tropeça
 dispara-dispara atropela-atropela encoraja-encoraja

Em português, a reduplicação de base verbal apresenta maior número de ocorrências na primeira conjugação (“quebra-quebra”); a seguir, vêm a segunda conjugação (“bate-bate”) e a terceira (“cai-cai”) com um número de ocorrências idêntico em um total de 62 dados analisados em Viali (2013), conforme se vê na tabela abaixo, extraída de Vialli (op. cit.: 109):

Conjugação	Nº de formas	Percentual
-ar	44	71%
-er	9	14,5%
-ir	9	14,5%

Tabela 1: Distribuição, por classes formais, das bases envolvidas na reduplicação

Como a reduplicação de bases verbais é governada por condições prosódicas, as sílabas finais só não são abertas quando a forma verbal é monossilábica, a exemplo de “sai” e “cai”, formas em que a rima silábica é bifurcada em núcleo (a vogal [a]) e coda (a semivogal [j]). É por esse motivo, portanto, que verbos de terceira conjugação não constituem as melhores bases para o processo: o fenômeno proíbe dissílabos terminados em sílabas pesadas, já que, nesses casos, não se formaria um único pé trocaico, vindo daí o estranhamento de formas como as listadas em (20):

- (20) atrai-atrai
 esvai-esvai
 retrai, retrai

³ Pés são unidades prosódicas que compõem a hierarquia mora (μ), sílaba (σ), pé (Σ) e palavra prosódica (ω) (SELKIRK, 1980). O pé troqueu pode ser silábico (dissilábico, com proeminência acentual à esquerda e insensível ao peso) ou moraico (sensível ao peso silábico, bimoraico e com proeminência acentual à esquerda) (HEYES, 1991).

Como o processo forma palavras mínimas, também são descartadas bases verbais oriundas de nomes, como as derivadas em *-ar* (“negociar”), *-izar* (“fertilizar”) e *-ificar* (“fortificar”). Do mesmo modo, nenhuma base parassintética (“enriquecer”, “adocicar”) pode servir de *input* à formação, já que, por seu tamanho, não caberiam no molde. Portanto, o verbo utilizado na reduplicação tem de ser simples, isto é, não pode ser morfológicamente complexo.

Outra característica estrutural desse tipo de formação em português é a seleção de uma forma que coincide com o tema verbal, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo, base para o processo de cópia que a reduplicação demanda. O que torna essa base perfeita para sofrer o reenquadre na classe dos nomes é o fato de ser destituída das marcas verbais de modo-tempo-aspecto e número-pessoa. Sendo assim, revela-se como uma forma não marcada em língua portuguesa e é exatamente essa característica que propicia a reinterpretação do verbo como substantivo.

8. A rede construcional da composição reduplicativa

A reduplicação de base verbal é, portanto, um fenômeno que requer uma análise que dê conta de seus aspectos formais e semânticos. Do ponto de vista do significado, a forma final substantiva indica sempre aspecto iterativo, o que parece bastante coerente, já que o processo tem como base verbos. O conteúdo lexical do verbo é canalizado para a forma substantiva, mas é reanalisado para indicar iteratividade, repetição, ou seja, a ação sugerida pelo verbo executada repetidamente, com frequência e habitualidade. A propriedade de reiteração é herdada do esquema de repetição $[[X]_{x_i}[X]_{x_i}]_{x_i}$ que é expresso na construção de reduplicação $[[X]_{v_i}[X]_{v_i}]_{N_j}$. O evento evocado por essa repetição é nomeado pela própria base verbal repetida e reinterpretada metaforicamente como substantivo. Ainda, o processo pode levar à reinterpretação metonímica do significado, estendendo-se da nomeação de eventos para coisas, como acontece com “pega-pega”, nome de uma brincadeira que consiste em pegar outra pessoa repetidamente:



Imagem 2: A brincadeira infantil pega-pega

Logo, o caminho para a elaboração da rede construcional de reduplicação de base verbal em português começa pela fusão dos esquemas gerais de composição, $[[X]_x [Y]_y]_N$, e repetição, $[[X]_x [X]_x]_x$. A estrutura emergente dessa fusão é a construção de reduplicação $[[X]_{vi} [X]_{vi}]_{Nj}$, que herda propriedades dos *inputs*, mas realiza-se como construção particular, isto é, não é apenas a soma das partes, já que apresenta novas propriedades. A figura a seguir ilustra o processo de unificação desses esquemas.

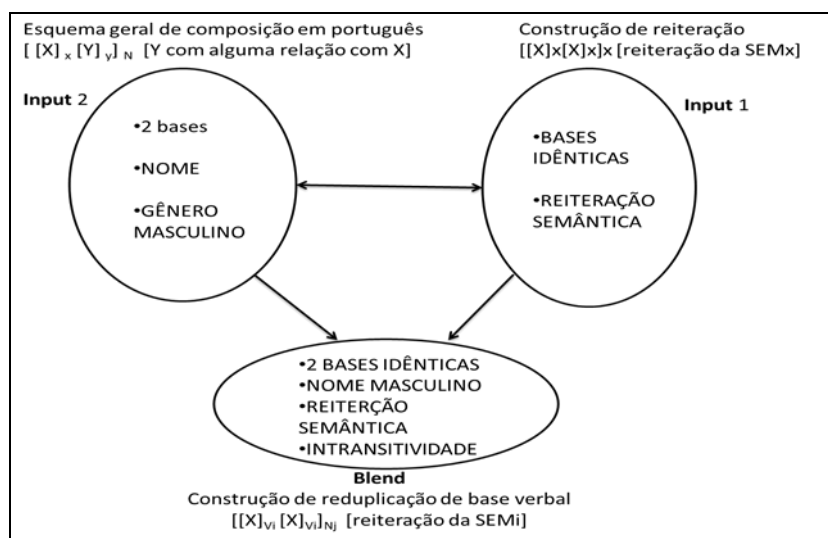
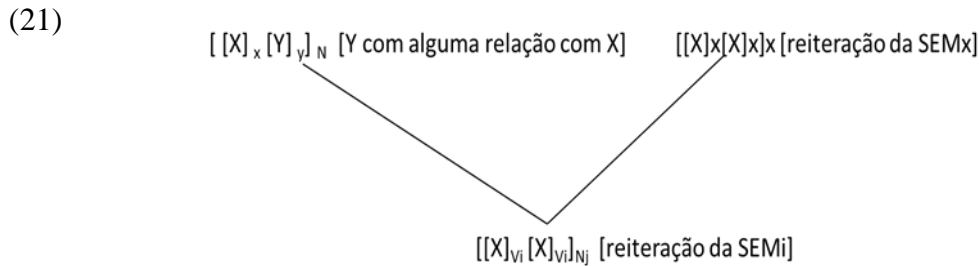


Figura 1: Unificação dos esquemas de composição e repetição

Como ilustrado na figura 1, as propriedades nome, gênero masculino, reiteração semântica e formas idênticas são herdadas dos esquemas gerais – as duas primeiras da construção de composição e as últimas, da construção de repetição. Contudo, os constructos também herdarão da construção de reduplicação a propriedade de

intransitividade, uma construção nominalizadora na língua, mesmo em se tratando de bases verbais. Dessa forma, a primeira parte da rede construcional pode ser ilustrada da seguinte forma:



É a partir da construção de reduplicação que serão instanciados os constructos com significado de evento e coisa. Nesse ponto, uma construção verbal é selecionada na língua e unificada à meta-construção de reduplicação; os constructos resultantes herdarão propriedades de ambos os esquemas unificados. A propriedade herdada da construção verbal é o preenchimento fonológico (terceira pessoa do singular do presente do indicativo); as da meta-construção são aquelas anteriormente apontadas na figura 1: aspecto iterativo e cópia. Portanto, a reduplicação de base verbal é formada por meio da repetição de uma base na terceira pessoa do singular do presente do indicativo e, por esta ser desprovida de desinência modo-tempo-aspectual e desinência número-pessoal, é uma forma menos marcada em português. Isso corresponderia, numa análise estruturalista, à proposição de dois zeros morfológicos para formas verbais como “mexe”, “come”, “canta”, “puxa” e “sai”, entre tantas outras. Por ser não marcada, a forma de terceira pessoa do singular equivale formalmente ao tema verbal: constituinte morfológico despojado de qualquer marca flexional. Além disso, o presente do indicativo também é não marcado do ponto de vista semântico, já que é o marco zero da enunciação, mais neutro nesse sentido. Logo, o conteúdo veiculado pelo verbo utilizado como base do processo é repassado para a construção de reduplicação, na forma de SEM, o *frame* evocado pela palavra-base.

Outro ponto importante, nesse caso, é que a base verbal será sempre acionada intransitivamente, dado o caráter genérico da construção de reduplicação de base verbal, o nó dominante. Trata-se, portanto, de um verbo que veicula conteúdo de ação e que, para selecionar eventos e, por extensão, coisas, é acessado intransitivamente, destituído

de estrutura argumental. Isso leva a um caráter mais genérico, propício à criação de substantivos por meio de instanciação. Desse modo, os constructos nominais com o significado de evento e coisa são instanciados. Todos os exemplos desse processo passam pelo significado de evento para, em seguida, nomear coisas. No entanto, muitas vezes, a fixação do significado metonímico é tamanha que torna o significado anterior pouco usual, o que pode levar a uma conclusão equivocada de não haver passado pela primeira fase de releitura metafórica, como acontece com os exemplos em (22), quase sempre interpretáveis como coisas:

(22) bate-bate, pula-pula, pisca-pisca, come-come, mata-mata

No entanto, a esmagadora diferença dos números de ocorrências entre evento e coisa, revelada no trabalho de Vialli (2013), comprova que o sentido de evento, tomado por metáfora, é de fato o mais básico do processo, já que responde por 95% dos dados. Dessa forma, com base na discussão encaminhada ao longo do artigo, são propostas duas construções morfológicas para a reduplicação de base verbal que, por meio de uma relação de instanciação⁴, herdam características das construções anteriores. A primeira surge com um significado mais básico e abstrato, relacionado à reinterpretação metafórica do conteúdo iterativo, e nomeia eventos, como “agarra-agarra” e “entope-entope”.

(23) $\langle [[X]_{vi} [X]_{vi}]_{sj} \leftrightarrow [\text{evento relacionado à SEM}_{vi}]_{sj} \rangle$

A segunda construção é uma extensão semântica da primeira; portanto, nesse caso, a ligação se dá por polissemia (GOLDBERG, 1995)⁵. Nela ocorre, por meio de metonímia, uma releitura significativa que leva a um conteúdo mais específico nomeador de coisa, a exemplo de “mija-mija” (o limpador de para-brisa), “treme-treme” (um prédio) e “trepá-trepá” (um brinquedo).

(24) $\langle [[X]_{vi} [X]_{vi}]_{sj} \leftrightarrow [\text{coisa/entidade relacionada à SEM}_{vi}]_{sj} \rangle$

A rede construcional a seguir ilustra a trajetória percorrida pelo processo até chegar aos nomes reduplicados sem qualquer leitura verbal (coisas, entidades):

⁴ A ligação por instanciação ocorre quando uma determinada construção é a instância da outra, com alguns elementos especificados, isto é, requer que uma construção seja aberta a ponto de permitir que demais construções surjam a partir da especificação de seus elementos.

⁵ Frisamos que a ligação por polissemia estabelece uma relação entre o sentido específico de uma construção e sua extensão presente em outra.

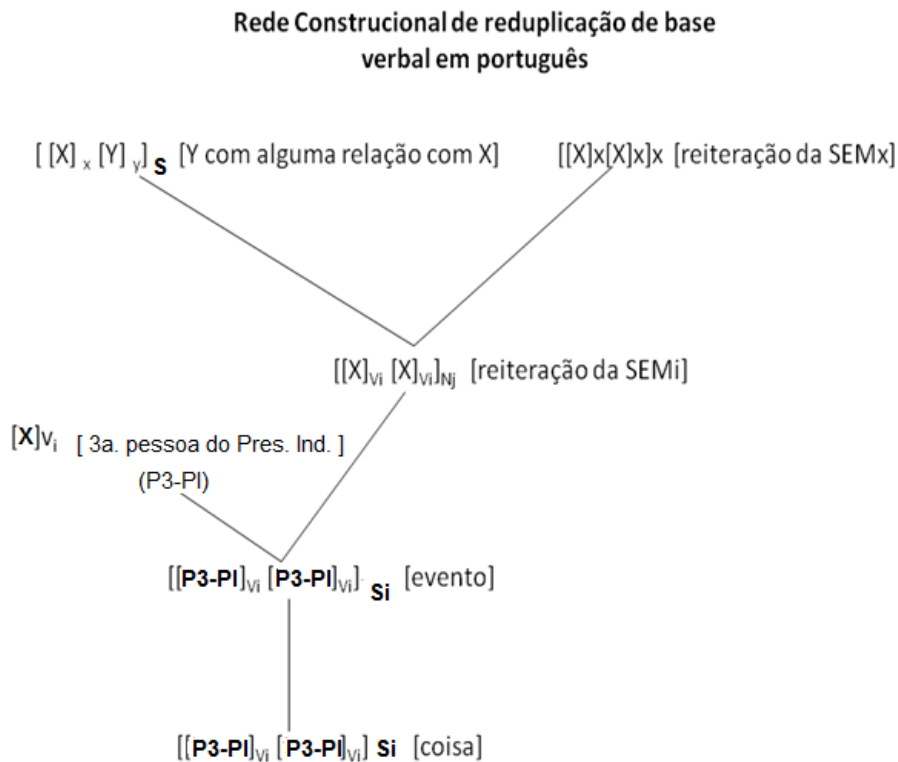


Figura 2: Rede construcional da reduplicação de base verbal em português

Como se pode perceber, cada construção herda características de outra de nível mais alto. No topo da rede, destacam-se os esquemas construcionais da composição ($[[X]x[Y]y]s$) e da repetição ($[[X]x[X]x]x$). Esses esquemas instanciam a construção de reduplicação de base verbal $[[X]vi[X]vi]s_j \leftrightarrow$ [reiteração da SEM i] s_j , que é unificada com a construção verbo $[V]vi$ [3a. p. pres. ind.]. O aspecto iterativo é herdado da construção de repetição. Dessa forma, instancia-se a construção nomeadora de eventos $[[P3\ Ind.\ Pres]vi[P3\ Ind.\ Pres]vi]N_j \leftrightarrow$ [evento] e, na sequência, em uma releitura metonímica do item, $[[P3\ Ind.\ Pres]vi[P3\ Ind.\ Pres]vi]N_j \leftrightarrow$ [coisa], resultando na polissemia.

9. Palavras finais

Na reduplicação de base verbal, o esquema geral selecionado para o processo é o da composição $[[X]x[Y]y]Y$. No entanto, esse esquema precisa ser adequado às características da língua portuguesa e é com base nessa necessidade que Gonçalves & Almeida (2012) propõem o esquema geral $[[X]x[Y]y]N$. Esse esquema é mesclado ao esquema de repetição na língua, $[[X]x[X]x]x$, e a estrutura emergente resultante é a

construção de reduplicação [[X]V_i [X]V_i]_{s_j}. Por sua vez, a construção de reduplicação é unificada a uma construção verbal [X]_{vi} e instanciará o constructo [[P3 Ind. Pres.]_{vi} [P3 Ind. Pres.]_{vi}]_{s_j}. Nesse caso, a base do constructo é a terceira pessoa do presente do indicativo (segmento fonológico herdado da construção verbal) por ser idêntica ao tema, uma forma não-marcada na língua, destituída das marcas de modo, tempo, aspecto, número e pessoa.

O sentido aspectual de iteratividade é herdado da construção de repetição e se associa à própria construção de reduplicação. Outra propriedade dessa construção é a intransitividade: os verbos são nominalizados e seus complementos argumentais, apagados. No polo semântico do processo, dois significados emergem: o mais básico é o de evento, como em “pisca-pisca” significando simplesmente “pisca repetidas vezes”. Nele, ocorre reinterpretação metafórica da ação expressa pelo verbo; por isso mesmo, o escaneamento envolvido nessa conceptualização é sequencial (LANGACKER, 1987), isto é, o evento se desdobra no tempo. Na sequência do processo, ocorre uma extensão semântica e o significado se torna mais fixo como coisa (“pisca-pisca” como luzes de Natal ou farolete) em um escaneamento resumitivo do item lexical, ainda nos termos de Langacker (2008). Nesse caso, o nome é acessado estaticamente. A reinterpretação que leva ao nome-coisa é feita por meio da metonímia. Logo, a reduplicação de base verbal pode resultar em polissemia.

Referências

- ALBUQUERQUE, L. R. & GONÇALVES, C. A. V. Análise da reduplicação em dados de aquisição: uma abordagem otimalista. In: SILVA, J.P. *Questões de morfossintaxe*. Rio de Janeiro : CiFeFil, v. 8, p. 45-53, 2004.
- ARAÚJO, G. A. Morfologia não-concatenativa: os portmanteaus. Campinas: *CEL: Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n° 39, 14-29, 2000.
- BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. Construction morphology and the lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (eds.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla Press, pp. 34-44, 2007.
- BOOIJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: W. DRESSLER et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 109-131, 2005.
- BRINTON, L. & TRAUGOTT, E. C. *Lexicalization and Language Change*. Cambridge, UK: Cambridge University Press. 2005.
- COUTO, H. H. do. A reduplicação em português. *Lusorama*, 4 (1), 1999.

- COUTO, H. H. do. A reduplicação nos crioulos portugueses. In: D'ANDRADE, Ernesto; MOTA, Maria A.; PEREIRA, Dulce (Org.). *Crioulos de base lexical portuguesa*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, p. 61-80, 2000.
- FIORIN, R. P. Repetição: uma estratégia de construção textual vivaz na oralidade. *Eutonia: revista de Literatura e Linguística*, Recife: UFP, (1): 1-16, 2008.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.
- GONÇALVES, C. A. V. & ALMEIDA, M. L. L. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, v. 58, n. 1: 165-193 2014.
- GONÇALVES, C. A. & ALMEIDA, M. L. L. Por uma Ciber morfologia: Abordagem Morfossemântica dos Xenonstituintes em Português. In MOLLICA, M. C. & GONZALEZ, M. (orgs.). *Linguística e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis*. Curitiba: Appris, p. 105-127, 2012.
- HEYES, B. *Metrical stress theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- KOCH, I. G. V & SILVA, M. C. P. S. e. Atividades de Composição do Texto Falado: a elocução formal. In Castilho, A. T. de. e Basílio, M. (org). *Gramática do Português Falado*, vol. 1. Campinas, Editora da Unicamp. 1996.
- KÖVECSSES, Z. and GÜNTER R. Metonymy: developing a cognitive linguistic view. *Cognitive Linguistics*, 31 (1), 121-140, 1998.
- KÖVECSSES, Z. Does metaphor reflect or constitute cultural models? In: R. Gibbs and G. Steen (eds.). *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, p. 167-188, 1999.
- LANGACKER, R. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.
- LAROCA, M. N. C. *Manual de morfologia do português*. 4ª edição, revisada e ampliada, Campinas, SP: Pontes, Juiz de Fora MG, 2005.
- LICHTENBERK, F. *On the Gradualness of Grammaticalization*. Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991.
- LIEBER, R. *Deconstructing morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- LIEBER, R. *The organization of lexicon*. New York: Garland Press, 1980.
- MARCUSCHI, L. A. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. KOCH, I. G. V. (org). *Gramática do Português Falado*. 2ª. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 105-41, 2002.
- MASINI, F. & THORNTON, A.M. *Italian VeV lexical constructions*. Roma: Facoltà di Lettere e Filosofia, 2008.

- PLÉNAT, M. L. “Extramétricité” des voyelles initiales. In C. Lyche (Ed.), *French generative phonology; retrospective and perspectives*. Salford: ESRI, p. 239-258, 1994.
- REYES, G. El Language Figurado. In: ---. *Ejercicios de Pragmática (2)*. Madrid: Arco Libros. 2000.
- SCALISE, S. *et alii*. Exocentricidade na composição. *Gengo Kenkyu* 135, p. 49-84, 2009.
- SELKIRK, E. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Bloomington: IULC, 1980.
- SELKIRK, E. *The syntax of words*. Cambridge Mass.: MIT Press, 1982.
- THORNTON, A. M. *Italian verb-verb reduplicative action nouns*. Roma: Facoltà di Lettere e Filosofia, 2008.
- VIALLI, L. D. *Reduplicação de base verbal: uma análise pela morfologia construcional*. Tese (Doutorado): Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.
- VIALLI, L. D. *A Reduplicação no Baby-talk: uma Análise pela Morfologia Prosódica*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas- Língua Portuguesa): Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.